

OS DESIGREJADOS E A CRÍTICA À INSTITUCIONALIZAÇÃO DA IGREJA

THE CHURSCHLESS AND THE CRITICISM OF THE
INSTITUTIONALIZATION OF THE CHURCH

LOS DESIGREJADOS Y LA CRÍTICA A LA INSTITUCIONALIZACIÓN
DE LA IGLESIA

Alaim Mosciaro Assad¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é abordar os desigrejados, um movimento de cristãos que desistiram de vivenciar a sua espiritualidade no seio da Igreja oficial, por entender que a institucionalização da Igreja a afastou dos ideais bíblicos para as comunidades cristãs. Ao analisar as principais argumentações desse movimento, sugere-se uma autocrítica à Igreja Evangélica Brasileira, pois o crescimento vertiginoso dos desigrejados é sinal de que algum tipo de reforma se faz necessária. A Igreja deve refletir sobre as suas práticas e repensá-las, com vistas a estancar essa debandada de membros. A metodologia empregada para a elaboração deste artigo foi de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: desigrejados; Igreja; Eclesiologia.

ABSTRACT

The aim of this article is to address the unchurched, a movement of Christians who have given up on experiencing their spirituality within the official Church, because they understand that the institutionalization of the Church has moved her away from biblical ideals for Christian communities. When analyzing the main arguments of this movement, a self-criticism of the Brazilian Evangelical Church is suggested, because the vertiginous growth of the unchurched is a sign that some kind of reform is necessary. The Church should reflect on her practices and rethink them

¹ Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Pós-graduado em Missão Urbana pela FTSA. Brasil. E-mail: alaim.assad@gmail.com.

in order to stop this stampede of members. The methodology used for the elaboration of this article was bibliographic research.

Keywords: churchless; Church; Ecclesiology.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es dirigirse a los no creyentes, un movimiento de cristianos que han renunciado a experimentar su espiritualidad dentro de la Iglesia oficial, porque entienden que la institucionalización de la Iglesia la ha alejado de los ideales bíblicos para las comunidades cristianas. Al analizar los principales argumentos de este movimiento, se sugiere una autocrítica de la Iglesia Evangélica Brasileña, porque el crecimiento vertiginoso de los no creyentes es una señal de que es necesaria alguna reforma. La Iglesia debe reflexionar sobre sus prácticas y repensarlas para detener esta estampida de miembros. La metodología utilizada para la elaboración de este artículo fue la investigación bibliográfica.

Palabras clave: sin iglesia; Iglesia; Ecclesiología.

INTRODUÇÃO

Desde os dias da igreja primitiva, um grupo de cristãos decidiu se afastar do convívio da comunidade institucional, para experimentar outras formas de vivência da sua espiritualidade (Hb 10.25). Esse grupo não somente continua existindo até hoje, como vem alcançando crescimento exponencial nos últimos anos. Segundo Durand (2017, p. 11):

[...] o censo de 2010 aponta que os evangélicos brasileiros somam 42.275.440 pessoas ... um crescimento de 61,45% desde a última edição do censo em 2000. Crescimento ainda mais espantoso apresentou o grupo de evangélicos que se declararam "sem vínculo denominacional". Nos dez anos separando os censos de 2000 e 2010, o número de evangélicos assim declarados partiu de pouco mais de 1.000.000 de pessoas chegando a impressionantes 9.218.129 crentes brasileiros.

O pastor Lopes (2010) os denomina de desigrejados, ou seja, aqueles que

[...] querem abandonar apenas a igreja e manter a fé. Querem ser cristãos, mas sem a igreja. Muitos destes estão apenas decepcionados com a igreja institucional e tentam continuar a ser cristãos sem pertencer ou frequentar nenhuma. Todavia, existem aqueles que, além de não mais frequentarem a igreja,

tomaram esta bandeira e passaram a defender abertamente o fracasso total da igreja organizada, a necessidade de um cristianismo sem igreja e a necessidade de sairmos da igreja para podermos encontrar Deus. Estas ideias vêm sendo veiculadas através de livros, palestras e da mídia. Viraram um movimento que cresce a cada dia. São os desigrejados.

Este artigo estudará esse grupo separatista, dada a sua importância para a Igreja, pela sua perenidade e contínuo crescimento, focando na análise de cinco das suas principais críticas à institucionalização da Igreja, seguida de contra-argumentações baseadas na Palavra de Deus. O diferencial na presente abordagem está em que, longe de manter uma postura puramente condenatória aos desigrejados, busca também uma autocrítica da Igreja naqueles pontos em que eles podem estar corretos.

A metodologia empregada para a elaboração deste artigo foi de pesquisa bibliográfica. Devido ao artigo tratar da institucionalização da Igreja como um todo e à maior disponibilidade de fontes internacionais, não houve restrições à nacionalidade das fontes.

1 AS CINCO PRINCIPAIS CRÍTICAS CONTEMPORÂNEAS DOS DESIGREJADOS

Antes de estudar-se as críticas dos desigrejados, é necessário entender qual é a sua motivação. O motivo por que os desigrejados criticam a institucionalização da Igreja baseia-se na sua suposição de que essa institucionalização afasta a Igreja da pureza e simplicidade da igreja primitiva. Por isso, em essência, os desigrejados almejam a busca por uma espiritualidade diferente da experimentada no interior da Igreja institucional (CAMPOS JR., 2017, p. 25).

Essa institucionalização se manifesta de diversas formas. A primeira refere-se à construção de templos, que começaram com Constantino e seguiam o modelo pagão de basílica, que eram projetadas para que o sol ficasse sobre o bispo quando este falava à audiência. Isso era, segundo os desigrejados, uma conexão com a adoração ao deus sol pagão. A cadeira do bispo, ou cátedra, era o maior e o principal assento do templo. Ela remetia ao assento do juiz nas construções governamentais. O sermão era pregado dali. O clero passou a vestir-se com roupas especiais, equivalentes às usadas pelos oficiais romanos. A liturgia tornou-se sacramental e passou a consistir em

um clero que se manifestava a uma audiência passiva, em contraste com a singeleza e participação dos crentes que havia nos cultos da Igreja Primitiva.

A Reforma manteve a tradição da construção de templos, porém alterou o lugar de maior importância para o púlpito, de onde a pregação passou a ser feita. Nas antigas basílicas, não havia bancos para a congregação, que assistia às missas de pé. Eles começaram a ser introduzidos no século XIII e acabaram por inibir a comunhão entre as pessoas e por reforçar o seu caráter de meros assistentes das celebrações (VIOLA; BARNA, 2008, p. 54, 60-69, 79-81). Sua próxima crítica concentra-se na liturgia, que, após a adoção dos templos como o local para adoração, se tornou sacramental e passou a consistir em um clero que se manifestava a uma audiência passiva, em contraste com a singeleza e participação dos crentes que havia nos cultos da Igreja Primitiva. A liturgia típica dos cultos protestantes possui três partes: o louvor, o sermão e a oração ou música de encerramento. Essa estrutura rígida e inflexível contrasta com a dos crentes primitivos, cujas reuniões eram marcadas pela espontaneidade e pela participação de todos.

A origem do culto contemporâneo está em Lutero, quando, por ocasião da Reforma, alterou o seu ponto central da missa que estava na Eucaristia para a pregação. Fora isso, não implementou mudanças mais significativas na missa. Entretanto, Atos 2.42 afirma que os crentes primitivos perseveravam em outras prioridades além do ensino dos apóstolos: na comunhão, no partir do pão e nas orações. Assim, as tradições protestantes contêm as mesmas características antibíblicas em suas liturgias, que são celebradas por um clérigo, tendo como principal parte o sermão, e onde os membros, passivos, não podem ministrar uns aos outros, limitando o uso dos dons no Corpo de Cristo (VIOLA; BARNA, 2008, p. 54, 60-69).

Na sequência, os desigrejados insurgem-se contra a figura contemporânea do pastor, que, segundo eles, não encontra respaldo na Bíblia. Eles entendem que os pastores do primeiro século teriam sido pessoas do próprio meio da congregação, que exerceriam as suas funções como alguém que está no meio do povo. Em outras palavras, não reconhecem a distinção entre povo e clero, entre o sacerdócio e os membros laicos (VIOLA; BARNA, 2008, p. 178-188).

Atualmente se vive uma lamentável banalização do ministério pastoral,

fonte de críticas dos desigrejados. Infelizmente, nestes dias, qualquer um denomina-se pastor ou apóstolo. São pessoas que se autodenominam, se autoelegem ministros e são reconhecidos por colégios apostólicos duvidosos. Certamente, o chamado para pastorear almas é muito sagrado. Por isso, é urgente resgatar a bíblica vocação pastoral e insurgir-se contra as igrejas que se tornaram expressão de negócios em torno da fé e das necessidades das pessoas que as frequentam (BOMILCAR, 2012, p. 65).

Outro ponto de discordância está na questão financeira, particularmente na coleta de dízimos para subsidiar os gastos com o templo e a remuneração do clero. Segundo os desigrejados, o dízimo pertence à Velha Aliança com Israel, não havendo registros de cristãos dizimistas no primeiro século. Os crentes daquela época ofertavam para ajudar os irmãos e o ministério dos pregadores itinerantes, como o do apóstolo Paulo e seus companheiros. A remuneração do clero foi primeiramente mencionada no século III por Cipriano, como um paralelo aos levitas do Velho Testamento, entendimento compartilhado por Constantino, que os remunerava dos cofres do Império. A proposta de pagamento de dízimos sofreu resistência e apenas se generalizou no século VIII (VIOLA; BARNA, 2008, p. 260-273).

De fato, uma das maiores críticas dos desigrejados à Igreja institucional é quanto à exploração financeira na forma de pedidos insistentes de contribuições financeiras, desconsiderando a pobreza das pessoas, além de transformar a Igreja em mais uma instituição da sociedade de consumo, desvirtuando-a da sua vocação e chamado sagrados (BOMILCAR, 2012, p. 66).

3 REFUTAÇÕES AOS DESIGREJADOS E POSSIBILIDADES DE AUTOCRÍTICA

As refutações basear-se-ão na busca do entendimento do que seria a Igreja Primitiva, haja vista a busca dos desigrejados por este modelo ideal de comunidade cristã. Segundo Hinson e Siepierski (2010, p. 12-13), essa definição é tarefa complexa, pois

[...] é praticamente impossível definir o cristianismo nas décadas e até mesmo séculos que se seguiram à vida e obra de Jesus (pois ele) desencadeou um movimento que recebeu vários nomes e apresentou características diversas". Assim, a qual comunidade deve-se comparar os argumentos dos desigrejados? Seria a de Jerusalém ou a de Antioquia? A de Corinto ou Roma? Além disso, qual modelo de cristianismo poderia expressar adequadamente a

crisandade primitiva? O cristianismo judaico, gnóstico, monástico, cenobítico, apocalíptico?

Dada a dificuldade para se definir o que seria a “Igreja Primitiva”, este artigo define-a como sendo as comunidades cristãs existentes no período abarcado pelo registro bíblico, isto é, até cerca do ano 100 d.C. Entretanto, a título da primeira contra-argumentação aos desigrejados, essa ambição de retornar aos dias da Igreja Primitiva, além de ser uma impossibilidade, devido às diferenças históricas, culturais, sociais e tantas outras que a separam da Igreja Contemporânea, denota um erro no foco: o cristão deve olhar para Jesus, que é o verdadeiro modelo dos cristãos (Ef 4.11-16; Hb 12.1-3); e não para meros homens, pecadores, falhos e imperfeitos.

Passa-se a seguir a contra-argumentar as críticas dos desigrejados. No que tange à construção de templos, é natural que, em épocas de perseguição, ora sob os judeus, ora sob os romanos, os cristãos primitivos não pudessem dedicar-se a construir templos para adoração. Ainda assim, segundo Hinson e Siepierski (2010), citando Atos 2.46, os crentes primitivos que viviam em Jerusalém iam ao templo judaico todos os dias, bem como continuaram a frequentar as sinagogas nas demais cidades. O apóstolo Paulo, por exemplo, sempre iniciava o seu ministério em uma cidade pela sua sinagoga (At 13.5, 14, 43) (HINSON; SIEPIERSKI, 2010, p. 38-39). Mas, ainda que os edifícios dedicados a atividades religiosas tenham a sua importância, relegar-se o serviço religioso unicamente ao templo vai contra o que o próprio Senhor ensinou, pois o Pai busca os que O adorem em espírito e em verdade, independentemente de local (Jo 4.19-24).

Com relação à crítica sobre a liturgia, é importante ressaltar que, segundo Hinson e Siepierski (2010, p. 38-39), não havia uniformidade no culto dos primeiros cristãos, vários modelos eram praticados. Além da frequência ao templo, o culto cristão passou a ser celebrado também nas casas ou no “cenáculo” (At 2.46). Os crentes se reuniam nas casas, no primeiro dia da semana, à noite, para celebrar uma lembrança da última ceia (At 20.7). As atividades do “culto no cenáculo” variavam, mas o foco era a comunhão ou refeição ágape, ocasião em que a comida era levada por todos, especialmente os membros mais abastados, e distribuída a todos, de forma que os pobres, que não puderam trazer muita coisa, ou mesmo nada, não se sentissem envergonhados (1Co 11.17-22) (HINSON; SIEPIERSKI, 2010, p. 41-42).

Havia, ainda, um outro tipo de culto: o culto da Palavra. Eles eram

caracterizados por uma espontaneidade maior (1 Coríntios 14), e possivelmente ocorriam nas casas. Aqui o foco era o discurso inspirado, profético, portanto, com abertura à ação imediata do Espírito Santo. Não deve ter havido uma liturgia formal nesse tipo de culto, porém os seus elementos são conhecidos: cânticos, leitura das Escrituras, revelação profética, falar em línguas, interpretar essas línguas, a resposta da congregação na forma do “amém” (1 Co 14; Cl 3.16; Ef 5.19). Os discursos proféticos podiam ser uma proclamação ou uma predição (At 11.28; 13.1-3; 21.10) (HINSON; SIEPIERSKI, 2010, p. 43-45).

Assim, tanto uma liturgia mais formal como uma mais espontânea eram praticadas pelos crentes primitivos. Dado que a liturgia do culto é a primeira oportunidade de contato entre os não salvos e a Igreja, os cultos devem ser amigáveis e compreensíveis aos não crentes, para que possam compreender a Palavra de Deus e serem salvos (KIMBALL, 2019, p. 219). O estilo antiquado das músicas e da pregação, o uso de versões complexas da Bíblia, a formalidade do culto religioso etc. não são mais tão atraentes hoje como eram antes, de uma maneira geral. Se a Igreja não adotar uma abordagem contemporânea a esses dias, ela não terá a capacidade de falar às mentes e corações, como o fazia 30 ou 40 anos atrás (WARREN, 2004, p. 59-60).

A próxima crítica a ser abordada é quanto à figura do pastor. Essa função, enquanto atividade diferenciada dos demais ministérios da Igreja, foi estabelecida pelo próprio Senhor, que designou Pedro como o primeiro deles (Jo 21.15-18) (REGA, 2019, p. 45-48; CORRÊA, 2016, p. 26-31). Seria absurdo supor que o Senhor teria feito algo que pudesse desviar a igreja do seu alvo celestial. Além disso, a própria Igreja criou uma função ministerial nova: a de diácono, que surgiu de uma necessidade específica daquela comunidade: a distribuição cotidiana dos alimentos às viúvas (At 6.1-7) (WRIGHT, 2020a, p. 133-139). Adicionalmente, os crentes primitivos estabeleceram padrões para os irmãos serem consagrados a elas, em mais uma evidência clara de formalização do clero (1Tm 3.1-13), ao falar tanto dos candidatos a bispo, função que na época era sinônimo de pastor e presbítero, como também a diácono (CHAMPLIN, 2014, p. 154-157).

Porém, os desigrejados têm razão quando afirmam que muitos têm deturpado a figura do pastor. A Bíblia traz o padrão a ser seguido nesse ministério, que “não deve ser por ganância, mas com o desejo de servir... não como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o

rebanho” (1 Pe 5.2-3 NVI). A crítica dos desigrejados é pertinente a alguns que, exercendo a função de pastor, não se adaptam aos princípios bíblicos a ela aplicáveis. Quanto à questão das finanças e do dízimo, percebe-se que ele já era entregue ao Senhor antes da Lei, como um ato de adoração ou consagração (Gn 14.17-24; Gn 28.20-22). Na Lei ele foi codificado quanto ao que deveria ser dizimado e ao destino que deveria ser dado. O texto de Dt 14.22-29, por exemplo, explica que havia dois tipos de dízimos. O primeiro era anual e o segundo era trianual e deveria ser utilizado para o sustento dos levitas e para a ação social, no sustento dos órfãos e das viúvas. Desta forma, o dízimo não era dedicado integralmente ao serviço religioso (BRUCE, 2021, p. 266).

Já no Novo Testamento há somente duas menções ao dízimo, ambas conectadas com a Velha Aliança. A primeira está em Mt 23.23-24, onde o Senhor critica a hipocrisia dos fariseus, que se esqueciam das partes mais importantes da Lei. A segunda ocorre no livro de Hebreus (Hb 7.1-10), que explica o evento do dízimo dado por Abraão ao sacerdote Melquisedeque, como um tipo do próprio Senhor Jesus, antes de Sua encarnação (BRUCE, 2021, p. 1094, 1445-1446).

Independentemente da decisão de ser dizimista ou não, a Igreja tem a responsabilidade sagrada de sustentar a Obra para a qual foi chamada. Sturz (2012, p. 648-652) salienta, que nas páginas do Novo Testamento, o espírito cristão é doador, sendo que “dar é mais bem-aventurado do que receber” (At 20.35). Por isso, as ofertas devem ser dadas com alegria e serem periódicas (1Co 16.1-2). A falta de entendimento desse princípio faz com que muitas igrejas locais fechem as suas portas todos os anos. Em sua conclusão afirma:

A questão hoje não é se o dízimo é para o corpo de Cristo, nem mesmo se as igrejas podem mover os membros para que tragam os dízimos ao depósito do tesouro, para os ministérios da igreja local. Antes, a questão é como as igrejas podem incentivar os membros a doar como Deus ofertou. Como incluir o senso da graça divina no conceito da oferta? (STURZ, 2012, p. 652).

A última crítica refere-se à remuneração dos pastores. Os desigrejados não estão corretos nesse assunto, porque o próprio Senhor defendeu que os seus enviados eram dignos de receber remuneração pelo seu trabalho em prol do Reino de Deus (Mt 10.5-10). Paulo reforçou o direito à remuneração dos ministros ordenados em 1Co 9.13-14 (WRIGHT, 2020b, p. 132-135). Ele abordou o mesmo ponto novamente em 1Tm 6.17-18:

Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra,

especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino, pois a Escritura diz: “Não amordace o boi enquanto está debulhando o cereal”, e “o trabalhador merece o seu salário” (1Tm 6.17-18 - NVI).

Porém, os desigrejados têm razão quando afirmam que o enriquecimento ilícito de líderes religiosos, a falta de transparência na gestão financeira da Igreja e outras questões relacionadas às finanças são algumas das principais causas do afastamento de muitos crentes da Igreja institucional, engrossando, assim, as fileiras dos sem-igreja. Some-se a isso os líderes que, empunhando a teologia da prosperidade, ensinam os crentes a exigirem que lhes Deus conceda as Suas bênçãos e outras benesses (BOMILCAR, 2012, p. 83-85).

CONCLUSÃO

Conforme foi demonstrado, a institucionalização da Igreja não foi percebida pelos primitivos cristãos como sendo um obstáculo à sua pureza e santidade em todas as situações, excetuando-se, naturalmente, em caso de desvios à sua doutrina. De fato, o texto sagrado demonstra exatamente o contrário, isto é, que ela foi ocorrendo de forma natural, à medida da necessidade das comunidades cristãs primitivas. Por isso, nunca houve a percepção de que isso impedia ou limitava a atuação do Espírito Santo. Entretanto, em diversos pontos, os desigrejados têm razão em criticar o *status quo* religioso. A institucionalização da Igreja, como diversas outras questões, pode ser desvirtuada e tornar-se um problema.

A realidade é que o fenômeno dos desigrejados não para de crescer e a Igreja não pode simplesmente ignorar isso, independentemente dos erros de partes das argumentações desse grupo separatista. Isso leva à conclusão de que, se formos humildes, algo de fato precisa ser melhorado na Igreja. Cabe, portanto, uma autocrítica à Igreja Evangélica Brasileira, partindo do pressuposto de que a Igreja atual deve ser relevante na sua geração, uma geração cada vez mais diversa e plural.

Outra importante questão a se considerar é que “ainda somos movidos por um discurso emotivo e messiânico, ainda acreditamos que homens “eleitos” podem salvar a nação, sem considerarmos questões estruturais e político partidárias” (RAMOS, 2002, p. 25-29). Segundo Alexandre (2020, p. 28), a palavra messias vem de *mashiah*, que, em hebraico, significa “ungido”.

Na perspectiva religiosa, muitos líderes evangélicos carismáticos são seguidos por seus adeptos de forma automática, mesmo que nem todas as suas ações correspondam à sã doutrina. Mais recentemente, esse messianismo brasileiro ganhou novos contornos através do apoio maciço dos evangélicos ao presidente Jair Bolsonaro e seu lema de campanha baseado em João 8.32. O atentado por ele sofrido durante a campanha e seu livramento foi compreendido por muitos como sendo um sinal da aprovação de Deus ao então candidato (ALEXANDRE, 2020, p. 31).

Assim, considerando-se esse cenário desafiador, pergunta-se: como a igreja pode ser relevante nesse atual tempo? Qual é a eficácia dos seus métodos para atrair os perdidos para Cristo e para edificar a vida dos salvos? Em outras palavras: a atual liturgia, estilo de pregação, abordagem evangelística etc. falam às mentes e aos corações de hoje da mesma forma como falaram às gerações passadas? A Igreja Evangélica brasileira causa um impacto real na sociedade de hoje? Tem sido de fato sal e luz nesses dias atuais? (WARREN, 2004, p. 41-49, 59-60).

Os princípios bíblicos certamente não podem ser alterados, mas os métodos são muitos e estão sujeitos a mudança (TOWNS; STETZER; BIRD, 2007, p. 15). O Livro de Atos apresenta diversos métodos pelos quais o Espírito Santo promoveu o crescimento da Igreja, de acordo com o Evangelho eterno e imutável. Mas existe certa resistência às mudanças necessárias, pois é difícil para cristãos que experimentaram o mover de Deus há algumas décadas visualizarem que eventuais mudanças podem ser não somente benéficas, mas também necessárias para falar às novas gerações que pensam e agem de forma diferente da geração dos seus pais e avós (TOWNS; STETZER; BIRD, 2007, p. 19).

Concluindo, uma análise imparcial do movimento dos desigrejados e de suas argumentações, devidamente filtradas pelo crivo da Bíblia Sagrada, mostrará que eles estão incorretos em diversos pontos e corretos em outros. Cabe à Igreja ter a atitude descrita em 1Ts 5.21-22 (NVI): “Examinem todas as coisas, retenham o que é bom. Abstenham-se de toda forma de mal”. Muito mais do que estancar sangria de pessoas, é necessária uma revitalização da vida e prática eclesiais, para que possamos, efetivamente, levar as pessoas a Cristo – e mantê-las no seu caminho durante esse processo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, R. **E a verdade os libertará – reflexões sobre religião, política e bolsonarismo**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2013.

BOMILCAR, N. **Os sem-igreja, buscando caminhos de esperança na experiência comunitária**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico Bruce**. 2. ed. São Paulo: Vida, 2021.

CAMPOS JR., I. **Desigrejados – teoria, história e contradições do niilismo eclesialístico**. 7. ed. Niterói: BVBooks, 2017.

CHAMPLIN, R.N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo, volume 5**. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

DURAND, D. **Desigrejados**. 2. ed. Fortaleza: edição do autor, 2017.

HINSON, E. G.; SIEPIERSKI, P. **Vozes do cristianismo primitivo – o Cristianismo como movimento eu celebra a sua unidade na diversidade, feito por indivíduos comuns, rumo à institucionalização**. 1. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus, mas não da Igreja**. 1. ed. São Paulo: Vida, 2019.

RAMOS, A. **Nossa Igreja Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2002.

REGA, L. **A dinâmica da igreja autêntica segundo o novo testamento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Convicção, 2019.

STETZER, E.; QUEIROZ, S. **Igrejas que transformam o Brasil**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

VIOLA, F.; BARNA, G. **Cristianismo pagão**. 1. ed. São Paulo: Abba Press, 2008.

WARREN, R. **Uma igreja com propósitos**. 2. ed. São Paulo: Vida, 2004.

WRIGHT, N. T. **Atos para todos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020a.

WRIGHT, N. T. **Paulo para todos – 1 Coríntios**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020b.